



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ
FACULDADE DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

EULLER ALVES RODRIGUES

A DANÇA E O ENSINO DE GEOGRAFIA: múltiplas linguagens da/na educação básica

**CAMETÁ-PA
2024**

EULLER ALVES RODRIGUES

A DANÇA E O ENSINO DE GEOGRAFIA: múltiplas linguagens na Educação Básica.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção de grau de Licenciatura em
Geografia, Faculdade de Geografia, pela
Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Marcel Ribeiro
Padinha

CAMETÁ-PA
2024

EULLER ALVES RODRIGUES

A DANÇA E O ENSINO DE GEOGRAFIA: múltiplas linguagens na Educação Básica.

Trabalho de Conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciatura em Geografia, Faculdade de Geografia, pela Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Marcel Ribeiro Padinha

Aprovado em _____

Banca Examinadora:

Orientador

Avaliador

Avaliador

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradecer a Deus, pelo dom da vida, e por me instruir a ultrapassar todos os percalços encontrados ao longo da realização deste curso. A conclusão deste TCC é uma expressão da gratidão que sinto por todas as bênçãos que recebi de sua mão generosa.

Aos meus pais, por nunca terem duvidado da minha capacidade e por não terem medido esforços para me proporcionar uma vida digna e de qualidade durante todo esse período universitário.

As minhas colegas de turma, em especial a Eline, Caroline, Leyde, Patrícia e Krícia, que contribuíram para que essa minha trajetória se tornasse mais leve e mais feliz, obrigado por compartilharem comigo tantos momentos de descobertas e aprendizados, e por todo o companheirismo ao longo deste curso.

Ao professor Marcel, por ter aceito traçar esse desafio que foi ser meu orientador e ter desempenhado tal função com dedicação, respeito e amizade.

A todos os professores da FAGEO, por todos esses anos de dedicação e de aprendizado, pelas ajudas e pela paciência com a qual me guiaram, e assim ajudaram a construir mais um geógrafo politicamente engajado e consciente de seu papel no mundo.

A todos que participaram, direta ou indiretamente do desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso, enriquecendo o meu processo de aprendizado.

Por fim, mas não menos importante gostaria de agradecer a minha família, em especial a minha tia Mahilda, que iniciou essa trajetória junto comigo, mas que infelizmente pelo acaso da vida, teve que ficar pelo caminho. Seu apoio incondicional, amor e incentivo foram essenciais para que eu pudesse superar os desafios e chegar até aqui. Esse TCC é nosso tia, sintá-se realizada e tenha o sentimento de dever cumprido.

RESUMO

A dança, quando inserida com a metodologia adequada, surge como um importante instrumento no processo de ensino-aprendizagem. Esta pesquisa objetiva analisar a importância do uso de múltiplas linguagens na educação básica, sobretudo por meio da dança no ensino de geografia, com vista a discutir acerca dos conceitos de espaço e território, para compreender a relação entre dança e corporeidade; propor uma reflexão acerca da escala do corpo na geografia contemporânea, sobretudo a partir das contribuições relacionadas à relação de escala geográfica, corporeidade e territorialidade; além de demonstrar a importância da dança, como recurso metodológico, nas aulas de geografia. A metodologia empregada, baseou-se na análise em uma abordagem quanti-qualitativa, por meio de levantamento e coleta de dados, e ainda realização de oficina, e entrevistas semiestruturadas em escolas de ensino fundamental, Cametá-PA. Nesse sentido, a discussão dos conceitos de espaço geográfico e território se mostraram como o caminho teórico-metodológico exequível, para compreender a relação entre dança e corporeidade no ensino escolar. Como resultados, verificou-se que a dança, surge como um método que pode ser aplicado no espaço escolar através do ensino da geografia, levando em consideração a relação corpo-território, por meio do estabelecimento de sentimentos expressos, relações constituídas e do autoconhecimento adquirido por meio dessa arte. Com os resultados obtidos nos questionários e prática em sala de aula, notou-se que a falta de prática em atividades lúdicas e o conhecimento “do novo” gerou timidez em alguns alunos, entretanto esses aspectos foram sendo superados ao longo da oficina oferecida. Atividades de ensino que usam a corporeidade possibilitam a ampliação das capacidades de interação social e afetiva, bem como o desenvolvimento das aptidões motoras e cognitivas. Contudo, o aprofundamento de estudos acerca dessa temática se mostra necessário e contribui significativamente para entender a importância da introdução de novos métodos de ensino, sobretudo através da dança no espaço escolar.

Palavras-Chave: Espaço. Território. Dança. Corporeidade. Ensino em geografia.

ABSTRACT

Dance, when inserted with the appropriate methodology, emerges as an important instrument in the teaching-learning process. This research aims to analyze the importance of using multiple languages in education, especially through dance in geography teaching, with a view to discussing the concepts of space and territory, to understand the relationship between dance and corporeality; propose a reflection on the scale of the body in contemporary geography, especially based on contributions related to the relationship between geographic scale, corporeality and territoriality; in addition to demonstrating the importance of dance, as a methodological resource, in geography classes. The methodology used was based on analysis in a quantitative-qualitative approach, through survey and data collection, as well as a workshop and semi-structured interviews. In this sense, the discussion of the concepts of geographic space and territory proved to be a feasible theoretical-methodological path to understanding the relationship between dance and corporeality in school teaching. As results, it was found that dance emerges as a method that can be applied in the school space through the teaching of geography, taking into account the body-territory relationship, through the establishment of expressed feelings, constituted relationships and acquired self-knowledge. through this art. With the results obtained in the questionnaires and practice in the classroom, it was noted that the lack of practice in playful activities and knowledge of “the new” generated shyness in some students, however these aspects were overcome throughout the workshop offered. Teaching activities that use corporeality enable the expansion of social and affective interaction capabilities, as well as the development of motor and cognitive skills. However, further studies on this topic are necessary and contribute significantly to understanding the importance of introducing new teaching methods, especially through dance in the school space.

Keywords: Space. Territory. Dance. Corporeity. Teaching in geography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ilustração de montanhas.....	28
Figura 2 - Ilustração de ilhas	28
Figura 3 - Ilustração de Vulcão	29
Figura 4 - Ilustração de cavernas.....	29
Figura 5 – Ilustração de morros	29
Figura 6 - Ilustração de planícies	29
Figura 7 - Professor Lucivaldo falando com a turma antes da oficina.....	30
Figura 8 - Alunos de disponibilizando para responder aos questionários (INSA) 30	
Figura 9 - Momento de organização.....	33
Figura 10 - Organização dos alunos em círculo	33
Figura 11- Fazendo demonstração dos tipos de relevo, por meio da dança.....	34
Figura 12- Alunos e professor acompanhando os passos da coreografia.....	34
Figura 13 - Interação entre os alunos durante a dança.....	35
Figura 14 - sala adaptada para os alunos do 6º ano, E.M.E.F. General Osório.....	36
Figura 15 - Explicação prévia sobre a oficina.....	38
Figura 16 - Alunos se organizando para a oficina.....	39
Figura 17 - Passo a passo da dança com alunos.....	39
Figura 18 - Desenvolvimento da oficina.....	40
Figura 19 - Participação dos alunos.....	40

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 – DO ESPAÇO AO TERRITÓRIO	12
2 – PENSANDO A RELAÇÃO ENTRE TERRITÓRIO E CORPORIEDADE	15
3 – A ESCALA DO CORPO NA GEOGRAFIA CONTEMPORÂNEA	20
4 – TERRITORIALIDADE E CORPOREIDADE NO ENSINO DE GEOGRAFIA	23
4.1 –Trabalho de campo: imagens e relatos dos entrevistados	24
4.1.1 – INSA - Instituto N. Sra. Auxiliadora.....	28
4.1.2 – E.M.E.F. General Osório	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	42
APÊNDICE A – Plano de trabalho da Oficina	45
APÊNDICE B – Formulário de entrevista aplicado aos professores	46
APÊNDICE C – Formulário de entrevista aplicado aos alunos	47

INTRODUÇÃO

A realização de atividades físicas auxiliam na liberação de hormônios, tais como: endorfina, dopamina e serotonina; os quais são responsáveis pela sensação de bem-estar, regulação do sono, e ainda proporcionam melhora nos processos corporais. A prática de exercícios regulares acarreta melhora no humor e autoestima, assim como, redução da ansiedade, tensão e depressão (COSTA; SOARES; TEIXEIRA, 2007). A dança é um exemplo de atividade que pode acalmar a mente e melhorar o humor. É exercida com a finalidade artística, recreativa ou ainda para fins esportivos, e pode ser praticada por pessoas de todos os gêneros e variadas idades.

A dança proporciona inúmeros benefícios, além de possibilitar o conhecimento do próprio corpo e ser uma forma de expressão ainda contribui nos aspectos físicos, sociais e intelectuais (BERTONI, 1992). Quando inserida com a metodologia adequada, a dança possibilita ao educando ampliação das suas capacidades de interação social e afetiva, e ainda desenvolve as suas aptidões motoras e cognitivas (FERNANDES, 2009). Além dos benefícios que propõe, a dança aparece como um importante instrumento no processo de ensino-aprendizagem.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), propõe a dança como unidade temática nos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental, construindo uma progressão em diálogo com os objetos do conhecimento: dança no contexto comunitário e regional, danças do Brasil e do mundo, danças de matriz indígena e africana, danças urbanas (BRASIL, 2018). De acordo com Fernandes (2009), a dança escolar, aplicada de forma lúdica e não competitiva, atua como agente de formação e transformação, pois ela proporciona a possibilidade de humanização e integração entre os alunos, aumentando a autoestima dos mesmos.

De acordo com Martins (2022), a dança como um recurso pedagógico demorou até obter esse espaço; as influências tecnológicas e as novas condições sociais permitiram surgir novas propostas de arte como forma de educação; atualmente existem mais recursos musicais e a sociedade tem mais acesso à cultura. A autora ainda explica que por meio dessas mudanças e influências a arte tornou-se obrigatória na educação do Brasil através das diretrizes e bases da educação, foram anunciados

também os parâmetros curriculares nacionais (PCNs), apresentando pela primeira vez, no país, a dança em sua lista de disciplinas.

Mas, vale destacar que a dança nem sempre consegue o devido espaço no ensino escolar se comparada aos demais conteúdos escolares, e esse fato é devido à diversas limitações. Diante disso, surge a seguinte problemática: Quais os desafios e limitações encontrados ao tentar introduzir novos métodos de ensino escolar, sobretudo através da dança.

Em função da importância da utilização de variados aspectos metodológicos, o estudo se justifica em apresentar a inserção da dança no ambiente escolar, suas vantagens, limitações e funções metodológicas. A necessidade de mostrar e introduzir novos recursos metodológicos às aulas de geografia, nos leva ao objetivo geral dessa pesquisa, que é: analisar a importância do uso de múltiplas linguagens na educação básica, sobretudo por meio da dança no ensino de geografia.

Para tanto, têm-se como objetivos específicos:

- Debater acerca dos conceitos de espaço geográfico e território, tendo em vista à compreensão da relação entre dança e corporeidade no ensino escolar.
- Propor uma reflexão acerca da escala do corpo na geografia contemporânea, sobretudo a partir das contribuições relacionadas à relação de escala geográfica, corporeidade e territorialidade.
- Promover uma oficina com alunos do ensino fundamental (anos iniciais), de escolas pública e particular, para explicar-demonstrar a importância da dança como recurso metodológico nas aulas de geografia.

A metodologia empregada, baseia-se em uma abordagem quanti-qualitativa, por meio de levantamento e coleta de dados. Serão realizadas oficinas, em escola pública e privada, com o intuito de mostrar a importância da dança como recurso metodológico nas aulas de geografia. Antes e após a oficina, serão realizadas entrevistas com perguntas pré-definidas, entre os professores e os alunos, o objetivo é perceber o que mudou em relação ao entendimento dos mesmos sobre a aplicação da dança como um método de ensino, após a oficina.

Nesse sentido, a análise do espaço geográfico, mais precisamente do território e suas territorialidades, se mostram como o caminho teórico-metodológico exequível, para compreender a relação entre dança e corporeidade no ensino escolar.

Para fundamentação do estudo, são tomados como base as discussões de distintos autores, como: Santos (2006), que traz importantes contribuições acerca do espaço geográfico; o autor Haesbaert (2004; 2014), traz abordagens sobre o conceito de território; Raffestin (1993), discorre acerca da relação entre os conceitos de espaço e território; a autora Candioto (2016), apresenta uma indispensável discussão acerca da relação: território-corpo; as contribuições de Harvey (2001), relacionadas à relação de escala geográfica e da corporeidade, também são de grande importância para fundamentar essa discussão; e ainda, Roque (2011), que aborda acerca da territorialidade e sua ligação com a corporeidade e o ensino escolar.

No tocante à organização do trabalho, o mesmo foi estruturado em quatro capítulos. O primeiro “Do espaço ao território”, trata acerca dos conceitos de espaço e território, os quais são alicerce deste trabalho enquanto pesquisa geográfica.

O segundo capítulo “Pensando a relação entre território e corporeidade”, aborda acerca da relação: território-corpo, a qual se faz importante, pois, através da dança defende-se aqui que o corpo ocupa lugar no espaço, produzindo um dado território, possibilitando o desenvolvimento de identidades sociais e espaciais, geradoras/fabricadoras de distintas e múltiplas territorialidades.

O terceiro “A escala do corpo na geografia contemporânea”, tem como finalidade proporcionar uma reflexão acerca da escala do corpo na geografia contemporânea, sobretudo a partir das contribuições relacionadas à relação de escala geográfica e da corporeidade.

O quarto e último capítulo “Territorialidade e corporeidade no ensino de geografia”, trata acerca da territorialidade e sua ligação com a corporeidade, e ainda a relação com/no ensino de geografia; além disso, traz resultados acerca do trabalho de campo, da realização da oficina e das entrevistas aplicadas.

1 – DO ESPAÇO AO TERRITÓRIO

O presente capítulo trata acerca dos conceitos de espaço e território, os quais são alicerce deste trabalho enquanto pesquisa geográfica. Inicialmente, precisa-se discutir acerca do espaço geográfico, e mais precisamente do conceito de território, em seguida compreender a relação entre território e “corpo”, para assim analisar a questão da dança e corporeidade no ensino escolar.

É necessário, antes de tudo, entender que o campo de atuação da geografia está balizado pelo conceito de espaço geográfico (SUERTEGARAY, 2001). O espaço está em constante transformação, devido a modificação causada pela ação humana, seja em relação à cultura, trabalho, relações interpessoais, etc.; sendo assim, o estudo do espaço é a compreensão das interações sociedade-meio levando em conta as suas particularidades.

Para Santos (2006), o espaço geográfico é um conjunto composto por sistema de ações e sistema de objetos em relação indissociável, em que os objetos não podem ser separados das ações, mesclando assim relações sociais e materialidades. O autor enfatiza o fato desses objetos estarem se tornando cada vez mais artificiais, nesse sentido os instrumentos tecnológicos e os variados modos de fazer, possuem importância na construção do espaço geográfico.

Ainda segundo Santos (2006), o espaço é formado por um conjunto de ações, representadas em um quadro único no qual a história se dá. O autor explica que o sistema de objetos e o sistema de ações interagem: “De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes” (p. 39). Sendo assim possível a observar a dinâmica e a transformação do espaço.

O espaço participa igualmente da condição social e física; e os movimentos da sociedade transformam o espaço, ou seja, o espaço é também a sociedade em movimento (SANTOS, 2006). Raffestin (1993), discorre acerca da relação espaço e território, o autor explica que o espaço é preexistente a qualquer ação e o território é produzido a partir do espaço; pode-se dizer que o território percebido ou vivido é representado por meio do espaço.

Em relação ao conceito de território, pode-se inferir, que a utilização desse conceito se faz importante na presente pesquisa, quando destaca a construção identitária relacionada à prática espacial da dança, considerando-a não apenas como um recurso metodológico educativo, mas também com uma forma de possibilitar ampliação de relações simbólicas, de interação social e afetividade no espaço escolar.

O conceito de território pode ser pensado de diversas formas, mas de modo geral ele é conhecido como uma representação de espaço e o poder; esse “poder”, no entanto, não implica somente em relações de dominação, mas também pode estar associado à relações de apropriação (OLIVA, 2022). O território não é construído somente por suas fronteiras, mas também por suas relações simbólicas e de poder, as quais garantem sua existência (SOUZA, 1995). Todo território é, ao mesmo tempo, funcional e simbólico, pois, exerce-se domínio sobre o espaço tanto para realizar “funções” quanto para produzir “significados” (HAESBAERT, 2014).

Sintetizando as várias conceituações de território, pode-se apresentar três vertentes básicas: Política, que se refere às relações espaço-poder em geral; Cultural, em que o território é visto como um produto de valorização simbólica de um grupo ao seu espaço vivido; e Econômica, que tem o território como um embate de relações de classes sociais e capital-trabalho (HAESBAERT, 2014).

De acordo com Haesbaert (2004), o território é um espaço apropriado de relações simbólicas e construção de identidade; assim como assume um viés de caráter político-jurídico, econômico e culturalista, que apresenta processos de territorialidade.

A territorialidade é representada como uma espécie de comportamento espaço-territorial de um grupo social (SOUZA, 1995). As territorialidades se apresentam com o sentido de pertencimento em um determinado recorte espacial (FUINI, 2017). Sendo assim, a territorialidade pode ser compreendida na concepção de espaço vivido, através do controle físico, simbólico ou imaginado (HAESBAERT, 2014; FUINI, 2017).

Se os grupos sociais possuem uma territorialidade peculiar, quando indivíduo é isolado ou implantado em um território estranho, este passa por um processo definido como desterritorialização (SANTOS, 2006). Nesse sentido, a territorialidade permite entender o comportamento socioespacial, e age como essencial organizador nas relações interpessoais e da comunidade (SOUSA; ZENI; SCHNEIDER, 2021).

Diante disso, pode-se inferir que os conceitos de espaço e território, mais os aspectos relacionados à territorialidade, contribuem para o entendimento da construção identitária pertinente à dança no espaço escolar; destacando-a como um recurso metodológico importante às aulas de geografia, e enfatizando o estabelecimento de relações simbólicas e do sentimento de pertencimento que a mesma produz. Pois, dançar é produzir espaço, espaços; é estabelecer território, territórios; é identificar-se, territorializar-se, portanto.

2 – PENSANDO A RELAÇÃO ENTRE TERRITÓRIO E CORPORIEDADE

Este capítulo abordará acerca da relação: território-corpo, a qual se faz importante na presente pesquisa, pois, através da dança defende-se aqui que o corpo ocupa lugar no espaço, produzindo um dado território, possibilitando o desenvolvimento de identidades sociais e espaciais, geradoras/fabricadoras de distintas e múltiplas territorialidades.

O atual estilo de vida urbano trouxe novos hábitos, como por exemplo, a população passou a se manter em ambientes mais fechados, e no caso das escolas não foi diferente, o confinamento em salas de aula trouxe a supervalorização do trabalho intelectual em detrimento da experiência corpo-lugar, limitando as mais diversas formas de interação entre os alunos (SANTOS; MOURA, 2021).

De acordo com Santos e Moura (2021), algumas escolas limitam a experimentação dos alunos em relação a outros lugares fora do ambiente escolar, como em atividades que poderiam ser realizadas através da corporeidade.

Segundo Freire (1987), a escola necessita ser um lugar de aprendizagem e que permita a interação entre os alunos, deve ser um lugar para se pensar e experimentar, pois, é nela que acontecem as interações humanas e interpessoais. Silva (2002) explica que o papel da escola é formar cidadãos que se apropriem de conteúdos e habilidades que possibilitem a sua inserção no exercício da cidadania.

Sendo assim, o ensino que fica somente dentro da sala de aula não permite aos estudantes múltiplas aprendizagens acerca das potencialidades humanas e os sentidos corpóreos (SANTOS; MOURA, 2021). Os autores ainda explicam que as experiências e os sentidos humanos são indissociáveis ao corpo, pois somos corpo em sua totalidade, e mesmo privilegiando sentidos como a audição e visão na sala de aula, novos sentidos precisam ser trabalhados para estimular a aprendizagem.

De acordo com Candioto (2016), o corpo define quem somos e serve de fundamentação para a construção identitária, nossos corpos apresentam a expressão de ações vividas ao longo da história de cada um e também da sociedade em geral; nesse sentido, é preciso reconhecer o corpo para compreender o ser humano e o seu desejo de pertencimento nos mais distintos territórios.

Ainda segundo Candioto (2016), cada corpo tem sua memória, e o ser humano é portador de registros; os gestos e comportamentos fazem parte dessa construção. A autora pondera que existem várias formas para a preservação das memórias coletivas, e a dança pode ser uma dessas formas.

No que concerne à dança, ao se tratar dela não se pode deixar de falar em corpo, pois depende-se dele; vale enfatizar que não apenas se tem um corpo, mas se é um corpo; pode-se dizer que o corpo é aquilo que ocupa lugar no espaço, logo, o mesmo é uma representação de “tudo” (CANDIOTO, 2016).

Ao dançar o corpo ocupa o espaço, ao ocupá-lo o corpo passa uma mensagem política, ao transmitir essa mensagem o corpo clama por um território, e ao assumir um território o corpo se expressa e as identidades social e espacial são construídas gerando territorialidade. Nesse sentido, para entender a dinâmica do corpo e da dança, precisa-se analisar alguns aspectos envolvidos na relação território-corporeidade

Pode-se considerar a dança como representação que dá sentido à vida social, e por utilizar o corpo como parte principal da sua mensagem ela está envolvida nos processos de construção cultural do corpo; os movimentos corporais são culturalmente diferenciados de acordo com gênero, classe, etnia, geração, etc, e é nesse aspecto que o corpo representa um local de representações demonstradas através da construção de diferentes marcas corporais, em lugares sociais específicos (ANDREOLI, 2010; PEREIRA; LEITE, 2019).

Para Candioto (2016, p. 55), dançar é expressar emoções, sentimentos, percepções, impressões, pensamentos e reflexões a partir de um corpo que se movimenta se desloca. “Assim, nosso corpo passa a ser um suposto lugar de realização que individualiza o sujeito e dá-lhe uma identidade física.”

No ambiente escolar a dança é uma prática pouco trabalhada, e pode-se identificar preconceito quando ministrada em sala de aula, principalmente em relação ao gênero (SALOMÃO; MAIA, 2013). Porém, destaca-se que através da dança os alunos podem vivenciar expressões corporais que os fazem conhecer mais sobre si mesmos (BRASIL, 1997).

Esse preconceito em relação à prática da dança, seja no ambiente escolar ou qualquer outro, é gerado, pois, algumas atitudes corporais são generificadas conforme a cultura, como por exemplo, jogo de futebol seria masculino, e dançar é feminino (GOELLNER, 2010; SALOMÃO; MAIA, 2013).

Até mesmo em meio aos variados tipos de dança surge essa “generificação”, por exemplo no balé seria preciso mais leveza e delicadeza, já no *hip hop* seriam necessários movimentos mais bruscos e fortes, o que leva muitos a entenderem que a dança, movida pela cultura social, acaba sendo separada entre movimentos femininos e movimentos masculinos (ANDREOLI, 2010).

Porém, analisando a história da dança em relação aos preconceitos e julgamentos, pode-se constatar que na idade média apenas os homens dançavam e as mulheres eram apenas plateia, e foi após o século XIV que a cultura ocidental passou a associar o homem que dançava à homossexualidade (ANDERSON, 1978; SIQUEIRA, 2006). No caso das mulheres, no período romântico, muitas sofreram com o domínio masculino e eram associadas à prostituição; percebe-se que, na maioria das vezes, a sociedade é intolerante, e muitos bailarinos talentosos se reprimem por esse motivo (ASSIS, 2013).

Outro fator que podemos destacar está relacionado à dança e identidade, de acordo com Chaves (2021), a dança reproduz codificações organizadas e específicas em relação ao uso do corpo, tanto individualmente quanto coletivamente. Essas codificações são expressas no corpo que dança e relaciona-se em contextos territoriais específicos (DESMOND, 2013).

As danças de matriz africana, por exemplo, na cultura brasileira, não se limitam às manifestações recreativas de um grupo cultural, mas fazem parte do imaginário social, de registros históricos e de representações de resistência das comunidades negras, que guardaram corporeidades que foram repassadas e reelaboradas (CHAVES, 2021).

Um outro exemplo é a dança de rua, a qual sempre foi associada à cultura e à identidade negra. De acordo com Lauxen e Isse (2009, p. 69), a dança de rua se configura como “uma das manifestações contemporâneas que surgiu por meio de jovens da periferia, que foram para as ruas manifestar seus desejos, sentimentos e ideais através do corpo e da dança”.

Ainda segundo as autoras, essa dança conquistou espaço ao longo dos tempos, reunindo pessoas interessadas em expressar liberdade, expressão e comunicação através dessa arte; além disso, ainda tem sido um instrumento na formação social de muitos jovens, os quais expressam seus sentimentos e anseios por meio dos movimentos corporais.

Pode-se destacar também as danças indígena, que são uma poderosa linguagem e servem para celebrar determinado acontecimento, como por exemplo, agradecer a colheita, marcar a passagem para a vida adulta, homenagear os mortos, saudar os que chegam à aldeia, para rituais sagrados, etc (SILVA, 2018). Esse tipo de dança é uma importante manifestação cultural, a depender de cada propósito e etnia.

O que se está a defender é que dançar é produzir espaço, espaços. É estabelecer território, territórios. É identificar-se, territorializar-se, portanto. E que, esse potencial político deve ser observado com mais entusiasmo, posto que serve, pode servir, a diferentes propósitos, emitir distintas e potentes mensagens. Dançar implica marcar uma espécie de existência. A educação tem muito a ganhar com a incorporação da dança no processo formativo de nossos alunos e alunas.

Na relação educação e dança, existem compartilhamentos em comum e também contradições sobre o corpo humano; nesse sentido compreender o lugar da dança no ensino escolar se faz importante, pois, construir relação, articulação entre dança e educação é destacar a importância da arte no processo formativo de nosso alunado (CANDIOTO, 2016).

No concerne a relação corporeidade e território, pode-se inferir que é a partir dos sentimentos expressos pelo corpo, por meio da dança, que são construídos o caráter identitário, os territórios e suas territorialidades. Daí, a importância de se falar acerca da inserção da dança no ensino escolar, pois, através dessa atividade é possível permitir a interação dos alunos e a possibilidade de adquirir habilidades para o exercício da cidadania; e assim se estabelecem múltiplas aprendizagens que envolvem as potencialidades humanas, expressão de sentimentos e os seus sentidos corpóreos.

Diante disso, é necessário repensar a dança dentro do contexto escolar, passando a proporcioná-la como uma função educativa (MARTINS, 2022), pois, a dança é integrante da cultural corporal, da expressão de sentimentos e da construção de identidades, incluindo identidades territoriais.

3 – A ESCALA DO CORPO NA GEOGRAFIA CONTEMPORÂNEA

O presente capítulo tem como finalidade proporcionar uma reflexão acerca da escala do corpo na geografia contemporânea, sobretudo a partir das contribuições relacionadas à relação de escala geográfica e da corporeidade.

A escala sempre representou a relação entre as medidas do real e da representação gráfica, no entanto, essa conceituação se tornou cada vez mais insatisfatória. De acordo com Castro (1995), com o passar do tempo as exigências teóricas fazem com que a proporção da escala ganhe novas concepções, afim de expressar a representação de diferentes modos de percepção. Ainda segundo a autora, pode-se inferir que a escala introduz o problema da polimorfia do espaço, ou seja, a escala possibilita a mudança no aspecto do espaço.

No concerne a relação escala corporeidade, na geografia contemporânea, pode-se dizer que ela não vem sendo tradicionalmente mobilizada; porém, a escala é primordial na ciência geográfica, pois é a partir desse recorte que o sujeito é colocado no centro entre espaço e sociedade (OLIVA, 2022).

Silva (2020, p. 105) explica a relação entre escala e corpo, destacando que os corpos são “geopoliticamente localizados, na medida que uma mesma característica pode ganhar um sentido diferente, dependendo de sua localização e, portanto, das relações escalares”

Pode-se dizer que é através da corporeidade que o sujeito se apropria do espaço proporcionando significados e o transformando em espaço vivido (LINDÓN, 2012). De acordo com Oliva (2022), os corpos formam a sociedade, e cada corpo uma espacialidade particular, ou seja, trabalhar a geografia sem aspectos relacionados à escala e corporeidade é desumanizar os espaços.

O corpo está situado entre individualidade e cidadania, e além de viver no espaço, o corpo também produz espaço por meio de seus movimentos, gestos e ações (OLIVA, 2022; RATTIS, 2016). Os corpos trazem consigo identidades, marcas e memórias; na existência diária o espaço insere sobre esses corpos novas perspectivas e vivências; os corpos se misturam em suas interdisciplinaridades e permitem reafirmar territórios (BRAGIONI, 2022).

De acordo com Harvey (2001), a ideia de que o “corpo” está relacionado à determinação de valores e significados, e que o mesmo é a medida de todas as coisas não é algo novo; essa perspectiva tem uma longa história em que, para os gregos antigos, o corpo estava associado aos significados e proporções percebidos pelo sentido e pela mente.

Nos debates contemporâneos o interesse por essa discussão ressurgiu, proporcionando uma reavaliação das bases científicas; os pioneiros nesse debate foram os teóricos do feminismo e do *queer*, os quais abordaram questão de gênero e sexualidade (HARVEY, 2001). Para Harvey (2001, p. 137), a ideia do corpo ser a medida de todas as coisas está relacionado ao fato que:

[...] o corpo não é uma entidade fechada e lacrada, mas uma “coisa” relacional que é criada, delimitada, sustentada e em última análise dissolvida num fluxo espaço-temporal de múltiplos processos. Isso implica uma visão relacional-dialética em que o corpo [...] internaliza os efeitos dos processos que o criam, delimitam, sustentam e dissolvem.

O corpo continua a “evoluir”, e reflete tanto uma dinâmica transformadora interna, como o efeito de processos externos; os processos que mantêm o corpo estão associados ao seu ambiente, e esses processos podem fazer com que o corpo se transforme, se altere ou deixe de existir (HARVEY, 2001). Ainda segundo o autor, as práticas representacionais moldam o corpo. Nesse sentido, pode-se tratar a dança como uma prática de representação corporal.

Para Harvey (2001, p. 137), o corpo não está isento de processos sociais determinante, pois: “[...] distinções de classe, de raça, de gênero e de uma multiplicidade de outros aspectos se acham inscritas no corpo humano em virtude dos diferentes processos socioecológicos que exercem sua ação sobre esse corpo.” Harvey (2001), explica ainda que o corpo não é monádico, ou seja, não está livre dos processos externos, e seu estudo deve se basear na compreensão da relação espaço-temporal, em que estão envolvidos diversos processos, entre eles as relações sociais.

Pesquisadores têm se dedicado a trazer o corpo como uma categoria de análise, e uma das recomendações em relação ao corpo e corporeidade, no campo geográfico, parte de Milton Santos (RATTS, 2016). Santos (1997, p. 134- 135), disserta que “a

corporeidade nos leva a pensar na localização (talvez pudéssemos chamar de lugaridade), a destreza de cada um de nós.”

Sendo assim, pode-se inferir que escala e corporeidade estão relacionadas, e são essenciais na discussão geográfica, pois estabelecem conexões entre o sujeito, sociedade e espaço.

4 – TERRITORIALIDADE E CORPOREIDADE NO ENSINO DE GEOGRAFIA

O presente capítulo irá tratar acerca da territorialidade e sua ligação com a corporeidade, e ainda a relação com ensino de geografia; além disso, traz resultados acerca do trabalho de campo, da realização da oficina e das entrevistas aplicadas.

A partir do final do século XX os campos teórico, conceitual e metodológico da geografia avançou bastante, e com isso ampliou-se o ensino de novas práticas de ensino da geografia, porém, questões relacionadas ao Ser e ao Corpo foram negligenciadas (ROQUE, 2011).

De acordo com Roque (2011), a relação corpo-espço leva a entender que um corpo não é formado apenas pelos sentidos, e que outros territórios humanos ainda precisavam ser mais explorados. Para Amorim (2008), o mental e o corporal, envolvem emoções e sentimentos, que estruturam a formação do ser humano. De acordo com Damásio (2003), no âmbito da corporeidade, as emoções e sentimentos influenciam no cotidiano.

É nesse sentido que a corporeidade se insere, surgindo como um campo em que o sujeito se expressa emocionalmente para fazer contato com o mundo exterior (PIERRAKOS, 1990). Estudar a corporeidade exige uma pedagogia que contribua para incorporar aspectos da formação do “ser”, devido justamente a complexidade humana, sendo assim a inserção de novos métodos são necessários para uma educação que compreenda o ser humano (ROQUE, 2011).

Segundo Roque (2011), é nessa compreensão de novos paradigmas, que transitar pelo território da corporeidade proporciona pensar sobre a complexidade humana, a qual é manifestada por meio de emoções e sentimentos; e é nesse processo que o ser humano consegue alcançar o conhecimento de si mesmo.

Em relação ao espaço escolar, sobretudo envolvendo no ensino da geografia, é necessário enfrentar desafios para conquistar uma educação que atenda a sociedade multicultural, e isso só possível por meio de práticas articuladas à novas linguagens e formas de conhecimento (ROQUE, 2011).

Sendo assim, no que diz respeito às experiências de aprendizagem, o sentido da corporeidade vai além do físico, pois, é onde se estabelece conhecimentos que

envolvem a vida humana; é um território em que se apresentam relações consigo e com o próximo, e que proporcionam aprendizagens para a vida (ROQUE, 2011). A autora ainda elucida que nessa perspectiva o corpo é percebido como um construtor de marcas sociais, econômicas e culturais, e que todas as emoções que vêm de fora, são internalizadas.

Diante disso, Roque (2011), enfatiza que a geografia busca estabelecer diversas interações na construção dos conhecimentos, no sentido em que o corpo apresenta territorialidade, ou seja, que ele dialoga com outros corpos e consigo mesmo, em um processo de autoterritorialidade. A autora explica que esse termo é compreendido como uma forma de ser e estar no mundo, no aspecto da corporeidade.

Sendo assim, nessa perspectiva em que corpo-território se insere, é necessário o uso de novas linguagens no ambiente escolar, as quais valorizem as leituras do mundo, em uma análise de si mesmo e do próximo (ROQUE, 2011).

É nesse sentido, que a corporeidade, sobretudo através do ensino da dança, surge como um método que pode ser aplicado no espaço escolar através do ensino da geografia levando em consideração a relação corpo-território, por meio do estabelecimento de sentimentos expressos, relações constituídas e do autoconhecimento adquirido por meio dessa arte.

4.1 –Trabalho de campo: imagens e relatos dos entrevistados

A pesquisa de campo teve o intuito de analisar os acontecimentos da maneira como ocorrem na realidade, por meio de oficina e aplicação de questionário acerca da importância de inserção da dança como método de ensino, com base na fundamentação teórica. Para tanto, buscou-se informações diretamente com a população pesquisada: alunos e professores de geografia.

Adotou-se como método a realização de uma oficina artística, envolvendo dança e conteúdo geográfico. Visou-se superar as dificuldades dos alunos de forma descontraída, deixando-os mais à vontade para participarem, promovendo um momento de interação em grupo e desenvolvendo diferentes habilidades.

A oficina realizada teve como princípio demonstrar a importância da dança como recurso metodológico, e que a mesma possibilita ao educando ampliação das suas

capacidades de interação social e afetiva, e ainda desenvolve as suas aptidões motoras e cognitivas, além disso, enfatiza a expressão, espontaneidade e a criatividade.

Nesse sentido, escolheu-se um tema para ser aplicado no espaço escolar, sobretudo por meio do ensino de geografia, através da seguinte temática: os tipos de relevo. Além de aprender o assunto, por meio da dança, os alunos foram entusiasmados a desenvolver suas habilidades e emoções.

A dinâmica proposta foi a seguinte:

- Iniciou-se a oficina falando sobre a importância da dança e de novos métodos de ensino, sobretudo de geografia.
- Aplicou-se um questionário com professores e alunos.
- Explicou-se um pouco do assunto, por meio de imagens e falas, que seria abordado na aula e na coreografia: tipos de relevo.
- Ensinou-se o passo a passo da coreografia.
- Em seguida, dançou-se junto com os alunos e professores do componente curricular de geografia, ao mesmo tempo que era ensinado o assunto escolhido.
- E por fim, aplicou-se um segundo questionário após a oficina, para comparar o que mudou em relação ao entendimento dos participantes sobre a dança.

O material utilizado foi:

- ✓ Caixa de som;
- ✓ Celular;
- ✓ Papel e caneta;
- ✓ Quadro e pincel.

Tempo de duração: 2 aulas de Geografia (90 minutos).

Público alvo: professores, e alunos de escola pública e privada do 6º ano do ensino fundamental (Mínimo de entrevistados – 10% do público, 3 meninos, 3 meninas em cada escola).

Vale ressaltar que, escolheu-se 6º ano, pois é a série em que o aluno passa a desenvolver maior autonomia, e a lidar com novas experiências escolares. Visou-se a aplicação em uma escola pública e uma particular, levando em consideração a disparidade de infraestrutura (espaço, material, recursos) entre as duas escolas.

Durante a realização da oficina, aplicou-se questionários (em apêndices), com perguntas pré-definidas, que foram divididos em dois momentos: um aplicado no início da oficina e um ao término da mesma. Esses questionários foram concretizados com a finalidade de gerar dados necessários para fomentação da pesquisa teórica realizada.

As perguntas para os professores, no primeiro questionário, estavam associadas à: o que eles entendiam por dança; qual a ligação que tinham com a mesma; se seus alunos costumavam dançar nas aulas; em relação a sua opinião sobre a dança no processo de aprendizagem; e de que forma a dança poderia ser utilizada por eles como recurso metodológico junto as aulas de geografia.

Para os alunos as perguntas estavam organizadas da seguinte forma: o que eles entendiam por dança; qual a ligação que tinham com a mesma; se costumavam dançar nas aulas; em relação a sua opinião sobre a dança no processo de aprendizagem; e se gostavam das atividades que envolviam a dança ou participavam delas somente com a finalidade de ganhar pontos.

Após a oficina, alunos e professores responderam a um segundo questionário, relacionado a sua opinião sobre a dança enquanto recurso metodológico nas aulas, e o que tinha mudado após a realização dessa atividade em sala de aula.

A letra da canção escolhida para realização da atividade de dança falava acerca dos tipos de Relevo, a mesma tinha o objetivo de ensinar um conteúdo geográfico de forma descontraída. A seguir encontra-se a letra da canção:

*Dona montanha
Pra subir no seu topo tem que ter a manha
Com seu tamanho até seria uma façanha
Um desafio pra quem tem jeito de aranha*

*Amiga ilha
Do meu navio te avistei pela escotilha
Água te enlaça feito abraço de família
Por todo lado, olha só que maravilha*

*Por trás daquele morro
A gente encontra uma planície
Vamos até lá*

*O nosso relevo
É cheio dessas maluquices
Deixa eu te contar*

*Senhor vulcão
Não se preocupe em despertar agora, não
Pois descansando você não faz confusão
Mas quando acorda se transforma num dragão*

*Cara caverna
Um bom abrigo para quando o urso hiberna
Onde o morcego se pendura pela perna
Se tá escuro a gente traz nossa lanterna*

*Por trás daquele morro
A gente encontra uma planície
Vamos até lá*

*O nosso relevo
É cheio dessas maluquices
Deixa eu te contar*

(Canção de Mundo Bitá)

Antes de ensinar o passo a passo da coreografia, o assunto abordado na canção foi repassado para os alunos, por meio de falas e imagens. Destacou-se os tipos de relevo da canção: montanha (Figura 1), ilha (Figura 2), vulcão (Figura 3), caverna (Figura 4), morro (Figura 5) e planície (Figura 6).

Figura 1 – Ilustração de montanhas



Fonte: <https://br.pinterest.com>

Figura 2 – Ilustração de ilhas



Fonte: <https://pt.dreamstime.com>

Figura 3 – Ilustração de Vulcão



Fonte: <https://br.freepik.com/>

Figura 4 – Ilustração de caverna



Fonte: <https://br.freepik.com/>

Figura 5 – Ilustração de morros



Fonte: <https://br.freepik.com/>

Figura 6 – Ilustração de planícies



Fonte: <https://br.freepik.com/>

Pode-se observar nas imagens que a letra exposta na canção traz detalhes acerca dos tipos do relevo, por meio de versos, o que proporciona uma forma leve e descontraída de absorver o determinado assunto. Dessa forma, a coreografia feita por meio dessa canção foi uma maneira de auxiliar na fixação do assunto e de fazer os alunos conhecerem as variadas potencialidades da dança.

Para tanto foram selecionadas as seguintes escolas para o desenvolvimento da oficina: o INSA - Instituto N. Sra. Auxiliadora, e a E.M.E.F. General Osório, em Cametá-PA.

4.1.1 – INSA - Instituto Nossa Senhora Auxiliadora

No dia 7 de fevereiro de 2024, foi realizada a oficina em escola particular, no Instituto Nossa Senhora Auxiliadora (INSA), que fica localizado em frente à Praça das Mercês, s/n, bairro Central - Cametá, PA. O professor Lucivaldo Teles Viana, foi quem ajudou e cedeu espaço em sua aula, no 6º ano, para realização da atividade proposta (Figura 7).

Figura 7 – Professor Lucivaldo falando com a turma antes da oficina



Fonte: trabalho de campo, autoria própria, 2024.

Os alunos do INSA se mostraram bastante curiosos e entusiasmados com a atividade que estava sendo sugerida. A maioria se disponibilizou a responder as perguntas e demonstrou interesse em participar da oficina (Figura 8).

Figura 8 – Alunos se disponibilizando para responder aos questionários (INSA)



Fonte: trabalho de campo, autoria própria, 2024.

O espaço da sala era bem grande, e além da presença e participação do professor havia também uma ajudante de sala, o que foi importante para auxiliar na organização dos alunos.

Antes de iniciar o momento de dança precisava-se obter informações acerca do pensamento dos alunos e professor acerca da dança. Nesse sentido, aplicou-se o primeiro questionário.

O professor Lucivaldo Teles Viana, compartilhou o que ele entendia por dança antes da oficina:

A dança é uma arte, onde o nosso corpo está em movimento por meio dos ritmos que são executados. Ela é uma arte interdisciplinar, ou seja, pode ser aplicada em vários componentes curriculares, em conteúdos voltados para a educação. Compreendo a dança como uma arte muito importante, no movimento do nosso corpo, que nos auxilia na nossa saúde física, emocional e intelectual também.

Em relação à sua ligação com a dança, o professor alegou que gosta de dançar, e sempre possível a prática, por meio da dança de salão.

Quando questionado se utiliza a dança como método de ensino em suas aulas, o mesmo afirma que para ele esse método é novo, e que não tem muito o hábito de empregar a dança, e sim que a música é mais utilizada entre as turmas.

O professor explica também que a dança pode auxiliar no processo de aprendizagem dos alunos:

Contribui muito, pois, hoje em dia o grande desafio da geografia é encontrar maneiras de resgatar o gosto pelo estudo geográfico. Durante muito tempo a geografia foi tida como uma método conteudista, tinha que memorizar o nome de vários lugares, em um contexto mais tradicional. E, hoje temos buscado formas de tornar esse ensino mais dinâmico. A dança contribuiria nesse sentido.

O professor ainda contribui discorrendo acerca da forma que a dança pode ser utilizada como recurso metodológico junto as aulas de geografia, na escola:

Trazendo algumas temáticas que podem ser abordadas, por exemplo, os conceitos geográficos podem ser trabalhados, pode trabalhar também a questão da preservação ambiental, a questão da segregação socioespacial, da desigualdade social, entre outros.

Um questionário inicial também foi aplicado em uma porcentagem dos alunos. O aluno S.M.A., traduziu a dança como: “*a dança é alegria*”. A aluna H. M., resumiu a dança como: “*é uma coisa boa*”.

Quando questionados sobre a ligação com a dança e se praticam a mesma, a maioria dos alunos alegou que sim.

Em relação à prática da dança em sala de aula, quando questionados alguns alunos demonstraram um pouco de timidez em praticar a dança na escola. O aluno E. S., afirmou que só pratica quando a atividade é obrigatória; já a aluna A.A, diz que gosta de praticar, mas que faz para ganhar ponto também.

Foi necessário também ouvir a opinião dos alunos, se a dança poderia contribuir no processo de aprendizagem. Os meninos demonstraram mais interesse e responder a esse questionamento. O aluno J. V. alegou que “*sim, a dança pode contribuir, porque ela é legal*”. O aluno D. L., também expôs sua opinião “*sim, a dança pode contribuir, pois ela é uma arte cultural*”.

Quando questionados se gostavam quando eram promovidas atividades na escola que envolviam a dança, as meninas demonstraram ter mais timidez para executar esses tipos de atividades. A aluna E. E., por exemplo, afirma que “*não gosto muito de dançar na escola, pois tenho vergonha*”

Seguindo o passo a passo, deu-se início a oficina. Após, a elucidação da oficina, da explicação prévia da temática, e da aplicação do questionário inicial, os alunos foram convidados a ficarem em pé e formar um círculo (Figuras 9 e 10).

Figura 9 – Momento de organização



Fonte: Trabalho de campo, autoria própria, 2024.

Figura 10: Organização dos alunos em círculo



Fonte: Trabalho de campo, autoria própria, 2024.

Após os alunos estarem organizados, iniciou-se a coreografia, tentando demonstrar da forma mais dinâmica possível acerca dos tipos de relevo (Figura 11 e 12).

Figura 11 – Fazendo demonstração dos tipos de relevo, por meio da dança



Fonte: Autoria própria, 2024

Figura 12 – Alunos e professor acompanhando os passos da coreografia



Fonte: Autoria própria, 2024

Foi possível ver nos rostos a alegria e vontade de realizar a atividade mais vezes (Figura 13), notou-se também que, apesar da timidez inicial, a dança permitiu a interação social e afetiva entre alunos e professor, e ainda desenvolveu as aptidões motoras e cognitivas.

Figura 13 – Interação entre os alunos durante a dança



Fonte: trabalho de campo, autoria própria, 2024.

Após o momento de dança, aplicou-se um segundo questionário, entre professor e alunos, para saber o que mudou na opinião dos mesmos sobre a dança enquanto recurso metodológico.

O professor Lucivaldo, destacou sua opinião da seguinte maneira:

A forma como foi abordado o assunto foi muito proveitoso, pois todos conseguiram compreender o tema de uma forma dinâmica, por meio da dança. Parabenizo a temática desse trabalho de conclusão de curso. A gente percebe que o contato com o novo cativa os alunos. Eles já até me perguntaram se vai ter mais vezes.

Quanto às meninas da turma, as mesmas afirmaram que a dança ajudou muito. Entre as opiniões dos meninos, os mesmos destacaram que a dança ajudou no aprendizado; o aluno D.L. destacou que a oficina foi “boa pra aprender à dançar e o aprender o mundo”

4.1.2 – ESCOLA MUNICIPAL ENSINO FUNDAMENTAL GENERAL OSÓRIO

No dia 8 de fevereiro foi realizada a oficina em escola pública, na Escola Municipal de Ensino Fundamental General Osório, que fica localizada na Avenida Gentil Bittencourt, Nº 1744, Bairro Central, Cametá - PA. Entretanto, no período do trabalho de campo a escola encontrava-se em momento de reforma, e devido a isso as atividades estavam sendo realizadas no Centro Universitário Internacional UNINTER, Av. Inácio Moura, nº 2180 – Aldeia.

A professora Rosana Sá Braga, foi quem ajudou e cedeu espaço em sua aula, no 6º ano, para realização da atividade proposta. Os alunos da E.M.E.F. General Osório estavam bastante tímidos no início, mas aos poucos foram conseguindo participar da atividade, os mesmos também tiveram dificuldades em responder aos questionários.

O espaço da sala era muito pequeno (Figura 14), e alguns movimentos tiveram que ser adaptados ao tamanho da sala.

Figura 14 – sala adaptada para os alunos do 6º ano, da E.M.E.F. General Osório



Fonte: trabalho de campo, autoria própria, 2024.

Antes de iniciar o momento de dança precisava-se obter informações acerca do pensamento dos alunos e professor acerca da dança. Nesse sentido, aplicou-se o primeiro questionário.

A professora Rosana Sá Braga, compartilhou o que ela entendia por dança antes da oficina: *“Dança é o movimento do corpo, que nos causa alegria e prazer”*. Em relação à sua ligação com a dança, a professora alegou que gosta muito de dançar, mas ultimamente não tem praticado.

Quando questionada se emprega a dança como método de ensino em suas aulas, a mesma afirma que não utiliza nas aulas, apenas nos eventos escolares, como em festas juninas, abertura de jogos, etc.

A professora explica também que a dança pode auxiliar no processo de aprendizagem dos alunos: *“Sem dúvidas nenhuma, a dança pode auxiliar, pois trata-se de uma forma divertida, alegre e lúdica. E, isso acaba envolvendo mais os alunos.”*

A professora ainda contribui discorrendo acerca da forma que a dança pode ser utilizada como recurso metodológico junto as aulas de geografia, na escola: *“A dança pode ser empregada como complemento de outras metodologias, e também como algo inovador no processo de ensino aprendizagem.”*

Um questionário inicial também foi aplicado em uma porcentagem dos alunos. O aluno G.P., resumiu a dança como: *“com a dança pode se libertar, fazer o que quiser.”*

Quando questionados sobre a ligação com a dança e se praticam a mesma, a maioria das meninas alegou que sim, já entre os meninos, metade deles afirmou que gosta e outra parte disse que não gosta e não pratica.

Em relação à prática da dança em sala de aula, quando questionados alguns alunos demonstraram um pouco de timidez em responder, em seguida a maioria afirmou que não praticava dança na escola.

Foi necessário também ouvir a opinião dos alunos, se a dança poderia contribuir no processo de aprendizagem. As meninas responderam que sim, já entre os meninos as respostas se dividiram, metade disse que não, e outra parte disse que a dança poderia sim contribuir.

Quando questionados se gostavam quando eram promovidas atividades na escola que envolviam a dança ou se apenas participavam com a finalidade de ganhar pontos, em relação às respostas as meninas demonstraram ter mais timidez para

executar esses tipos de atividades. Quanto aos meninos, a maioria afirmou que participava apenas com o intuito de ganhar pontos.

Seguindo o passo a passo, deu-se início a oficina (Figura 15).

Figura 15 – Explicação prévia sobre a oficina



Fonte: Autoria própria, 2024.

Após, a elucidação da oficina, da explicação prévia da temática, e da aplicação do questionário inicial, os alunos foram convidados a colocar as cadeiras em forma de círculo, com todos em pé, para começar a coreografia da dança (Figura 16).

Figura 16 – Alunos se organizando para a oficina



Fonte: Autoria própria, 2024.

Após os alunos estarem organizados, iniciou-se a coreografia, tentando demonstrar da forma mais dinâmica possível acerca dos tipos de relevo (Figura 17).

Figura 17 – Passo a passo da dança com alunos



Fonte: Autoria própria, 2024.

Notou-se que inicialmente muitos sentiram vergonha de participar, alguns demoraram para ficar em pé, outros ficaram apenas de braços cruzados e outros ficaram somente observando sem fazer nenhum movimento. Tal fato pode ter se dado por meio da falta de espaço, ou até mesmo da falta de prática dos alunos.

Força de vontade e paciência não faltaram para ensinar e aprender com os alunos da E.M.E.F. General Osório. E aos poucos foi possível ver nos rostos a alegria e vontade de realizar a atividade, notou-se também que, apesar da timidez, a dança permitiu a interação social e afetiva entre alunos e professor, e ainda desenvolveu as aptidões motoras e cognitivas dos mesmos (Figuras 18 e 19).

Figura 18 – Desenvolvimento da oficina



Fonte: trabalho de campo, autoria própria, 2024.

Figura 19 – Participação dos alunos



Fonte: trabalho de campo, autoria própria, 2024

Após o momento de dança, aplicou-se um segundo questionário, entre professor e alunos, para saber o que mudou na opinião dos mesmos sobre a dança enquanto recurso metodológico.

A professora Rosana, destacou sua opinião da seguinte maneira:

Eu gostei muito dessa metodologia, nunca tinha utilizado na prática em sala de aula, porém pretendo a partir de agora utilizar, não apenas no 6º ano mas também em todas as outras séries se possível. Eu acho que a dança tem um diferencial, pois ela faz com que o aluno se envolva, e se a gente conseguir manter os alunos em organizados eles vão ter um aprendizado muito melhor e não ficar entediados com as aulas tradicionais. Eu gostei muito e pretendo utilizar no meu dia a dia, na escola, daqui pra frente.

Quanto às meninas da turma, as mesmas destacaram que a dança ajudou na aprendizagem. Entre as opiniões dos meninos, os mesmos afirmaram que a dança ajudou; o aluno D.G. destacou que a dança pode ajudar, e que a oficina foi “interessante, mas depende do tipo de dança”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de geografia a partir de atividades lúdicas torna-se mais dinâmico e atrativo, além de proporcionar aulas que despertam mais a atenção e curiosidade. É possível levar o ensino da geografia para além de memorização e reprodução de textos, criando possibilidades de inserir novos métodos de ensino, proporcionando contribuições que ajudam no processo de ensino aprendizagem e no cotidiano dos alunos, e assim, estimulando a curiosidade e mais participação dos mesmos.

É necessário superar as dificuldades dos alunos, por meio de atividades lúdicas, de forma descontraída, deixando-os mais à vontade para participar e aprender, promovendo um momento de interação em grupo e desenvolvendo diferentes habilidades e conhecimentos.

Com os resultados obtidos nos questionários e prática em sala de aula, baseado no referencial teórico, notou-se que é necessário pensar em estratégias de intervenção pedagógica e de processos criativos que envolvam a dança nas escolas. A falta de prática e conhecimento do novo gerou um pouco de timidez em alguns alunos, entretanto esses aspectos foram sendo moldados ao longo da oficina.

Constatou-se, apesar das limitações, que além dos alunos aprenderem o assunto, a questão da corporeidade é evidenciada, em que acontece a ampliação das capacidades de interação social e afetiva, e ainda desenvolvimento das aptidões motoras e cognitivas.

Cabe ao professor reconhecer o valor de novos instrumentos metodológicos como um auxílio no processo de ensino-aprendizagem, assim como o uso dessas ferramentas em suas aulas com o objetivo de sair da rotina e conseqüentemente despertar no aluno um interesse maior em aprender diariamente. Nesse sentido, destaca-se a importância da inserção da dança no ambiente escolar e suas múltiplas linguagens na educação básica, sobretudo no ensino de geografia.

Diante disso, existe potencial na aplicação da dança como método de ensino, conforme apontou o trabalho em campo, pois a inserção da dança tem grande impacto na aprendizagem e desenvolvimento dos alunos. Conclui-se que a dança pode ser aplicada no espaço escolar através do ensino da geografia, considerando a relação

corpo-território, por meio do estabelecimento de sentimentos expressos, relações constituídas e do autoconhecimento adquirido por meio dessa arte.

Contudo, o aprofundamento de estudos acerca dessa temática se mostra necessário e contribui significativamente para entender a importância da introdução de novos métodos de ensino, sobretudo através da dança no espaço escolar. Vale ressaltar que pretende-se dar continuidade em trabalhos futuros que visem ampliar a temática discutida, pois, ainda existem muito mais aspectos em relação à essa discussão que devem ser pesquisado.

REFERÊNCIAS

- AMORIN, E. D. B. C. **Corporeidade e ludicidade: o fluir humanescente na formação de professores**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio grande do norte, programa de pós graduação em educação, Natal, 2008.
- ANDERSON, Jack. **Dança**. Tradução Maria da Costa. São Paulo: Verbo-Lisboa, 1978.
- ANDREOLI, Giuliano Souza. **Dança, gênero e sexualidade: um olhar cultural**. Conjectura, Caxias do Sul. Vol.15, nº1, jan./abr. 2010. p. 107-112.
- ASSIS, M. D. P.; SARAIVA, M. C. **O feminino e o masculino na dança: das origens do balé à contemporaneidade**. Ensaio Movimentos, Porto Alegre, v. 19, n. 02, p. 303-323, abr/jun de 2013.
- BERTONI, Íris Gomes. **A dança e a evolução: O ballet e seu contexto histórico**; Programação didática. São Paulo: Tans do Brasil, 1992.
- BRAGIONI, Guido Lins. **A fluidez da paisagem na cidade-corpo**. Ensaio de Geografia. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 98-110, maio-agosto de 2022.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Segunda Parte: atividades rítmicas e expressivas/** Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- CANDIOTO, Viviane. **A construção identitária dos professores de dança clássica: um estudo sobre três artistas educadores**. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma – SC, 2016.

CASTRO, I. E. O problema da escala. In CASTRO, Iná et al (orgs): **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

CHAVES, E. **Negritude, identidade e dança**. Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer – UFMG. Licere, Belo Horizonte, v.24, n.4, dez/2021. DOI: <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2021.37724742>

COSTA, R. A.; SOARES, H. L. R.; TEIXEIRA, J. A. C.; **Benefícios da atividade física e do exercício físico na depressão**. Revista do Departamento de Psicologia - UFF, v. 19 - n. 1, p. 269-276, Jan./Jun. 2007.

DAMASIO, A. **Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos**. Adaptação para o português do Brasil: Laura Teixeira Mota. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

DESMOND, J. C. **Corporalizando a diferença: questões entre Dança e Estudos Culturais**. Revista Dança, Salvador- BA, v. 2, n. 2, p. 93-120, jul./dez. 2013.

FERNANDES, M. M.; **Dança escolar: sua contribuição no processo ensino-aprendizagem**. Revista Digital - Buenos Aires - Año 14 - Nº 135 - Agosto de 2009

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 17. ed., 1987

FUINI, L. L. **O território em Rogério Haesbaert: concepções e conotações**. Geografia, Ensino & Pesquisa, Vol. 21 (2017), n.1, p. 19-29

GOELLNER, Silvana Vilodre. **A Educação dos Corpos, dos Gêneros e das Sexualidades e o Reconhecimento da diversidade**, Porto Alegre – Rs, n. , p.71- 83, 28 set. 2009..

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, R. **Viver no limite: território e multi/ transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HARVEY, David. **Espaços de Esperança**. São Paulo, Edições Loyola,2004. 4ª edição: fevereiro de 2001.

LAUXEN, P.; ISSE, S. F. **Contextos da dança de rua: um pouco de história e práticas docentes**. Revista Destaques Acadêmicos, ano 1, n. 2, CCHJ/Univates, 2009.

LINDÓN, Alicia. **Corporalidades, emociones y especialidades: hacia un renovado betweenness**. RBSE. Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 11, n. 33, pp. 698- 723, 2012. Disponível em: Acesso em: 7 out. 2023.

MARTINS, Vanéria Paula Sousa. **A influência da dança na aprendizagem escolar**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano. 07, Ed. 02, Vol. 04, pp. 21-31, 2022. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/influencia-da-danca>

MEDINA, J. et al. **As representações da dança: uma análise sociológica**. Movimento (ESEFID/UFRGS), v. 14, n. 2, p. 99-113, 2008.

OLIVA, Victoria Ferreira. **DO CORPO-ESPAÇO AO CORPO-TERRITÓRIO: o que a Geografia Feminista tem a dizer?**. Ensaios de Geografia. Niterói, vol. 8, n. 17, pp. 165-187, jul. 2022.

OSSONA, Paulina. **A educação pela dança**. São Paulo: Summus, 1988.

PEREIRA, R. G. C.; LEITE, R. A. A. **DANÇA E PRECONCEITO: visão heteronormativa sobre a prática da dança por indivíduos do sexo biológico masculino**. Revista científica eletrônica de ciências aplicadas da FAIT, Ano VIII. v 14, n 2, novembro, 2019.

PIERRAKOS, J. C. **Energética da essência (*core energetics*) desenvolvendo a capacidade de amar e curar**. São Paulo: Pensamentos, 1990.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RATTS, A. **Corporeidade e diferença na geografia escolar e na geografia da escola: uma abordagem interseccional de raça, etnia, gênero e sexualidade no espaço educacional**. TERRA LIVRE – N. 46 (1): 114-141, 2016

ROQUE, E. M. M. **Corporeidade e formação docente: cenário geográfico das histórias de vida**. Dissertação (mestrado), Universidade Federal do Rio grande do norte, programa de pós graduação em educação, Natal, 2011.

SALOMÃO, A. K; MAIA, R. A. **Enfrentamento do preconceito de gênero no ensino de dança: uma proposta crítico** – superadora, IFSULDEMINAS – campus de Muzambinho, 2013.

SANTOS, J. B.; MOURA, J. D. P. **Corporeidade e geografia escolar: reflexões sobre emparedamento x desemparedamento na/da aprendizagem**. Anais do XIV ENANPEGE. Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/78015>>. Acesso em: 31/08/2023.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4 ed., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SILVA, Joseli Maria. **“Teu corpo é o espaço mais teu possível”**: Construindo a análise do corpo como espaço geográfico. Revista da ANPEGE, v. 16, nº 31, 2020, pp. 101-114. Disponível em: Acesso em: 7 out. 2023.

SILVA, Marilza Oliveira da. **Danças Indígenas e Afrobrasileiras** - Salvador: UFBA, Escola de Dança; Superintendência de Educação a Distância, 2018.

SILVA, T. T. da. O adeus às narrativas educacionais. In: SILVA, T. T. da (org). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002, p. 247-258.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. **Corpo, comunicação e cultura: a dança contemporânea em cena**. Campinas: Autores Associados, 2006.

SOUSA, Adria de Lima; ZENI, Luis Augusto; SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. **Territorialidades e Contexto Urbano nos Estudos sobre a Relação Pessoa-Ambiente: Revisão Integrativa de Literatura.** Estudos e Pesquisas em Psicologia, volume 2, 2021.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O território: sobre o espaço e poder, autonomia e desenvolvimento (pág. 77 – 116). In CASTRO, Iná et al (orgs): **Geografia: conceitos e temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SOUZA, N. C. P; HUNGER, D. A. C. F.; CARAMASCHI, S. **O ensino da dança na escola na ótica dos professores de Educação Física e de Arte.** Revista Brasileira de Educação Física Esporte, São Paulo, Jul-Set de 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-55092014000300505>

SUERTEGARAY, D. M. **Espaço geográfico uno e múltiplo.** Revista electrónica de geografia y ciencias sociales - nº 13, Universidade de Barcelona, julho de 2001.

APÊNDICE A – Plano de trabalho da Oficina



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ
FACULDADE DE GEOGRAFIA

OFICINA

Título: a importância da dança como recurso metodológico nas aulas de geografia.

Ano: 6 ano do ensino fundamental

Público alvo: alunos de escola pública e privada.

Tempo de duração: 2 aulas de Geografia (90 minutos)

Dinâmica de sessão:

- Iniciar a oficina falando sobre a importância da dança e de novos métodos de ensino, sobretudo de geografia.
- Aplicar um questionário* com professores e alunos.
- Falar sobre o assunto que será abordado na aula e na coreografia: Relevô.
- Ensinar o passo a passo da coreografia.
- Dançar junto com os alunos e professores ao mesmo tempo que ensina o assunto escolhido.
- Aplicar um segundo questionário após a oficina para comparar o que mudou em relação ao entendimento dos participantes sobre a dança.

Justificativa: A oficina tem como princípio demonstrar a importância da dança como recurso metodológico, e que a mesma possibilita ao educando ampliação das suas capacidades de interação social e afetiva, e ainda desenvolve as suas aptidões motoras e cognitivas, além disso enfatiza a expressão, espontaneidade e a criatividade. Nesse sentido, escolheu-se um tema para ser aplicado no espaço escolar, sobretudo por meio do ensino de geografia. Através da temática sobre o relevo, além de aprender o assunto os alunos irão desenvolver suas habilidades e emoções.

Materiais necessários: Caixa de som; Pen drive; Celular; Papel e caneta; Quadro e pincel.

*Mínimo de entrevistados – 10% do público (3 meninos, 3 meninas em cada escola); professor(a)

APÊNDICE B – Formulário de entrevista aplicado aos professores



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ
FACULDADE DE GEOGRAFIA

Título: A importância da dança como recurso metodológico nas aulas de geografia.

ENTREVISTA COM PROFESSORES

NOME:

PRÉ-OFFICINA

- 1) O que você entende por dança?
- 2) Qual a sua relação com a dança? Gosta, não gosta? Pratica ou não?
- 3) Seus alunos costumam dançar em sala de aula?
- 4) Em sua opinião a dança pode auxiliar/contribuir no processo de aprendizagem dos alunos?
- 5) De que forma a dança pode ser utilizada pelo professor(a) como recurso metodológico junto as aulas de geografia, na escola?

PÓS-OFFICINA

Após a realização da oficina de dança junto aos alunos(as), qual seu pensamento, sua opinião sobre a dança enquanto recurso metodológico nas aulas?

APÊNDICE C – Formulário de entrevista aplicado aos alunos



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ
FACULDADE DE GEOGRAFIA

Título: A importância da dança como recurso metodológico nas aulas de geografia.

ENTREVISTA COM ALUNOS

NOME:

PRÉ-OFFICINA

- 1) O que você entende por dança?
- 2) Qual a sua relação com a dança? Gosta, não gosta? Pratica ou não?
- 3) Você costuma dançar na escola sala de aula?
- 4) Em sua opinião a dança pode auxiliar/contribuir em seu aprendizado nos conteúdos das disciplinas?
- 5) Você gosta das atividades feitas pela escola que envolvem a dança? Ou participa delas somente com a finalidade de ganhar pontos?

PÓS-OFFICINA

Após a realização da oficina de dança junto aos colegas de turma e professores, qual seu pensamento, sua opinião sobre a dança enquanto recurso metodológico nas aulas?